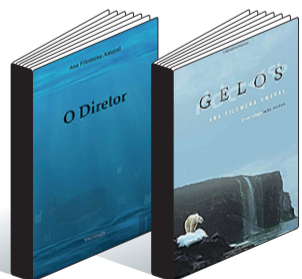


um processo irónico?, será a aplicação do provérbio latino *ridendo castigat mores*, isto é, a Terra rindo-se, castigando a Homem pelos malefícios por este cometidos contra ela?) -, segundo volume da trilogia de AFA, Gil, Armina e vários cientistas de diversas nacionalidades partem para o Ártico para estudar *in loco* o efeito do aquecimento global, assistindo a um contínuo e incisivo descongelamento de todo aquele vasto território, onde vive o povo inuíte (integrado no grupo dos esquimós), ali permanecendo e sobrevivendo há quase cinco mil anos, alimentando-se de carne de baleia e foca. De novo, convivem a simplicidade de uma aldeia de recursos escassos com as tradições e lendas míticas dos inuítes, compensados pela solidariedade entre todos os seus membros, um forte companheirismo e uma simplicidade de vida semelhantes aos da aldeia de pescadores de O Diretor.

Destaca-se uma nova personagem, Sedna, que acolhe e orienta os cientistas e sintetiza a tradição mítica do povo inuíte. Em homenagem a este povo, AFA compõe *Gelos* -- com palavras da língua inuíte a negrito e em itálico que traduzem a palavra imediatamente anterior. A expedição de cientistas torna-se uma autêntica saga face à aceleração do degelo no Ártico, Armina socorre-se do espírito de Henrique para tentar compreender a nova realidade e salva e adota um ursinho polar, "Girassol", e nele vê/ouve os antigos conselhos sábios de Henrique. Agora, Gil, sacrificando-se, salva Armina de um buraco de gelo que se abre a seus pés. No final, face a condições tão agitadas e tempestuosas, só sobrevivem Armina e três dos nove cientistas que tinham partido.

Fica-se na expectativa do que sucederá a Armina e a Sedna no 3º volume, *Desertos*, bem como evoluirá a empresa tecnológica dos pais de Henrique, entretanto descobertos por Armina. Do mesmo modo, aguarda-se qual o papel atribuído Maria (de protagonismo?), filha de Henrique e Armina. Uma advertência em forma de ficção distópica do que poderá acontecer ao planeta dentro de 30 a 50 anos. **JL**



> **Ana Filomena Amaral**  
**O DIRETOR**  
Palimage, 196 pp., 15 euros

> **GELOS**  
Motor Editorial, 214 pp., 15 euros

# Sobre editoras: Húmus, poesia de agora



PALAVRA DE POESIA  
**António Carlos Cortez**

¶ Falarei, em próximas recensões, de algumas editoras de poesia – as pequenas editoras que tanto fazem pela promoção da literatura (da boa literatura) – em Portugal. Hoje, e depois de seguir de há uns anos a esta parte as suas edições, falarei da Húmus. Rui Magalhães, o editor, tem feito um trabalho de inescapável importância que urge divulgar. Sirva esta recensão para dar conta desse seu trabalho.

A Húmus, que publica também ensaio e ficção, tem uma extraordinária coleção de pequenos cadernos (em número total de 11 ou 12, consoante os exemplares que cabem em cada caixa), intitulada *12Catorze*. Entre novembro de 2020 e janeiro de 2021, editou alguns interessantíssimos cadernos, contemplando os seguintes autores: Fernando da Costa Soares (*A Via Láctea* – um percurso poético 1974–2020), magistrado e poeta, antigo presidente da Comissão Nacional de Eleições e que, desde 1974, publicou seis títulos de poesia, tendo traduzido, em coautoria, *Paradise Lost*, de Milton (ed. Chaves Ferreira, 2002), e já em 2016 reincidiu em Milton, traduzindo com Raul Mateus *O Paraíso Perdido* seguido de *O Paraíso Reconquistado*, com chancela da Húmus); Abel Neves, dramaturgo de enorme valor e que publicou nesta editora, em dezembro do ano passado, *Carta de uma criança a um soldado desconhecido em Bagdad*, recitativo torrencial, escrito na primeira pessoa, num pacto bem construído entre o eu do enunciado e esse Jimmy que funciona como leitor-modelo; além de um ensaio iluminador de António Cabrita sobre Bocage (*A poesia quer qualquer coisa de enorme, de bárbaro e de selvagem: o meu Manuel Maria do Bocage...*), exemplo de como o ensaio é o lugar onde a reinvenção de uma biografia pode ser possível à luz do rigor da investigação imaginante de quem o escreve; e, por fim, dois livros de poesia de que quero fazer o devido sublinhado: *Decantações*, de António Insua, e *Brasa*, da poeta brasileira Maria Rezende. Começo por este último. Agora publicado, *Brasa*, com pouco mais de 40 textos, encon-



**Maria Rezende**

tra no poema de mesmo título uma arte poética que deriva da necessária representação de um rosto (feminino) que não hesita em dirigir-se-nos em termos exatos, cortante: "Tudo em mim que é fêmea procura o seu beijo/ o que em mim é sonho cabe no seu jeito/ tudo em mim que é fresta/ quer o seu dedo fundo/ e a carne da sua língua// Já estive à míngua e hoje sou deriva/ tudo em mim que é terra em você é lampejo/ o que agora é seco/ pode ser desejo [...]" (p.80). Maria Rezende (Rio de Janeiro, 1978) não é debutante. Publicou quatro livros de poesia desde 2003 e está antologada em importantes coletâneas como *Poesia Sempre*, da Biblioteca Nacional do Brasil, e já sobre ela aqui escrevi quando, em 2017, a Elsinore publicou a antologia de vozes do Brasil, *Naquela Língua*.

*Performer* e declamadora, este seu livro, de instigante e duplo título, é brasileiro por ser brasa, mas é brasa porque a sua poesia (para mais se dita em voz alta) arde, as palavras distribuem-se numa associação rica de sentidos, de possibilidades semânticas ("Maracujá e árvores vão resolver/ penso/ e adentro o parque como quem entra o mar//

O arrulho de crianças correndo/ bambus rangendo com o vento/ o vento/ e os pássaros sonoros // Maracujá acalma/ penso/ [...]" ), em inflexões rítmicas que denotam uma voz muito cônica dos seus processos, do risco que é, nela, a sua pedra-de-toque. Que se leia com atenção este livro, que se percorra os livros da coleção *12Catorze* e ver-se-á que Rui Magalhães procura a diversidade e o que, na poesia, não é igual, não é epigonal, cópia de magistérios de gosto.

Maria Rezende, com este seu livro em Portugal, deveria ser mais conhecida. Mas será escolha da autora esperar que numa qualquer livraria (assim elas possam estar abertas ao pouco público que sempre tiveram) um qualquer amante da poesia a descubra. Lerá, com que surpresa, poemas assim: "Sua ausência/ cava um poço de petróleo/ em meu estômago// Viscoso e negro/ brota/ entre outras flores/ o medo"; poemas de imagens incisivas de recorte métrico raro. Num poema que expõe a ambiguidade e o alto grau de sensualidade desta poesia, encontramos uma poderosa voz provocatória ("Pau Mole" é um sensualíssimo poema para além de uma poderosa *charge*

sobre lugares-comuns do erótico e que o português de Brasa expõe e reifica).

**O OUTRO TÍTULO DESTA COLEÇÃO** é de Adelino Insua, *Decantações*, livro breve, feito de paisagens onde o vento, a tristitia de uma memória que bate fundo num coração intranquilo, promovem uma escrita cadenciada, narrativa, de pequena fábula. Insua é um poeta da atenção ao inaudito, ao que se escapa e, no entanto, magoa: "O mundo está cheio de coisas tristes por não serem vistas, amadas", diz o verso que abre o volume. O poeta procura ler os "estremeções" da realidade "nos corações julgados secos" e demanda essa aprendizagem que vem das "agonias lentas do desejo". O que impede essa contemplação do que ninguém vê? A linguagem, as palavras, o "espinho da palavra". Poemas breves, que vêm dum "chão muito antigo", neles uma atmosfera de sonho "espraia-se pela vigília" e é ao homem, poeticamente sobre a terra, ainda, que, "poeticamente está a acontecer tudo". Saído em dezembro passado, outros livros há desta coleção publicados nos meses anteriores que merecem a nossa atenção. Darei conta de um deles, o de Fernando da Costa Soares, numa próxima recensão. **JL**



> **António Insua**  
**DECANTAÇÕES**  
60 pp., 3 euros

> **Maria Rezende**  
**BRASA**  
96 pp., 4,40 euros  
- ambos Ed. Húmus